

MACRODRENAGEM | Projeto que divide opinião de moradores e barraqueiros vai custar R\$ 57 milhões

Obra vai cobrir de concreto o rio do Imbuí

Jornal: A tarde
Data: 01/07/2009
Caderno: Salvador Pag. A4

EMANUELLA SOMBRA

esombra@grupoatarde.com.br

Um dia após o ministro da Integração Nacional, Geddel Vieira Lima (PMDB), e o prefeito João Henrique (PMDB) anunciarem investimento de R\$ 57 milhões em palanque improvisado no Imbuí, a obra de macrodrenagem que atinge o Rio das Pedras, naquele bairro, divide opinião de moradores, donos de barracas e especialistas. Para muitos deles, o benefício paisagístico e a justificativa de que o projeto acabaria com o mau cheiro e mosquitos no entorno são insuficientes.

“Sem dúvida, o rio hoje é um esgoto a céu aberto, e a população certamente vai apoiar (o projeto), assim como apoiou o da Avenida Centenário. Mas, ambientalmente falando, isso vai na contramão da história”, avalia Júlio Mota, superintendente de meio ambiente da Embasa, para quem “está se jogando o problema para debaixo do tapete”. “Precisamos unir esforços para despoluir os rios da cidade, como ocorre no mundo inteiro, e não cobrir”.

Orçada em R\$ 17 milhões, a primeira etapa do investimento resultará na macrodrenagem de todo o canal por onde segue o rio, incluindo trecho entre a Avenida Paralela, nas proximidades do Condomínio Amazônia, e o início da Avenida Jorge Amado. Paralelamente, extensão situada entre a Rua Rio das Pedras e a desembocadura do canal, na orla da Boca do Rio (próximo à sede do Bahia), também terá suas tubulações modificadas.

O cobertura do Rio das Pedras compreende a segunda etapa, estimada em R\$ 39 milhões. Ao todo, uma extensão aproximada de três quilômetros ganhará aparência e concepção urbanística semelhante à da Avenida Cente-

“O rio vai deixar de receber luz e isso certamente aumentará o microclima da região”

Júlio Mota, superintendente de meio ambiente da Embasa

nário, obra finalizada em 2008. Conforme material de divulgação da Secretaria de Comunicação (Secom), a contrapartida municipal seria na ordem de R\$ 874 mil, dinheiro revertido à modificação paisagística do entorno e instalação de equipamentos de lazer e esporte.

MAIS CALOR – A desocupação das encostas em torno do curso hídrico, o redirecionamento do esgoto e a restauração de matas ciliares são pontos que, segundo Júlio Mota, deveriam acompanhar um projeto de revitalização. “O rio vai deixar de receber luz do sol, e isso certamente aumentará o microclima da região, porque, por exemplo, o processo de fotossíntese que as algas fazem rouba calor do ambiente”.

Artista plástico e morador do Imbuí, Samuel Silva, 22, também discorda do projeto. “Nesta saída (canal da Rua Alberto Fiuza) ainda há peixes, é uma área que ain-

da tem vida. Tem mosquito e mau cheiro, sim, mas vêm dos esgoto desses prédios. Ou seja, as mesmas pessoas que criticam e são a favor da obra são as que destroem”. Em abril de 2008, uma sucuri de 3,8 m foi encontrada viva no córrego, próximo ao Shopping Cabotã, e retirada por técnicos do Ibama.

Professor titular de saneamento da Universidade Federal da Bahia (Ufba), Luiz Roberto Moraes classifica como equivocadas as intervenções no Imbuí e na Avenida Centenário e garante que todos os rios que recortam a capital baiana têm condições plenas de ser despoluídos. “Exceto o Rio do Cobre (Parque São Bartolomeu), todos eles estão degradados, mas têm condições de revitalização, que obviamente não é tampar”.

“Estão fazendo uma urbanização, entre aspas, com equipamentos supostamente de interesse do entorno. Essa solução anda ao contrário a tudo que tem sido feito no mundo e em cidades aqui do Brasil, como Belo Horizonte, de trazer os rios para a malha urbana como elemento de contemplação da população, fazendo às margens do rio parques lineares. E o pior, gastando um volume fantástico de dinheiro público”, acusa.

Procurados insistentemente por A TARDE, os secretários de Desenvolvimento Urbano, Habitação e Meio Ambiente, Antônio Eduardo de Abreu, e de Transportes e Infraestrutura, Almir Melo, não foram localizados para comentar as críticas. Este último, de acordo com sua assessoria de comunicação, devido a problemas pessoais. “A Lei 7.400 de 2008 (PDDU) tem um artigo que fala sobre recursos hídricos que não está sendo respeitado pela própria prefeitura”, acusa Luiz Roberto Moraes.



O Rio das Pedras terá 3 km de cobertura e aparência semelhante à da Avenida Centenário

de três quilômetros ganhará aparência e concepção urbanística semelhante à da Avenida Cente-

discorda do projeto. "Nesta saída (canal da Rua Alberto Fiúza) ainda há peixes, é uma área que ain-

não está sendo respeitado pela própria prefeitura", acusa Luiz Roberto Moraes.



O Rio das Pedras terá 3 km de cobertura e aparência semelhante à da Avenida Centenário

Situação indefinida para os barraqueiros

A situação das barracas do Imbuí, cujo imbróglio teve grande repercussão ano passado, continua indefinida para os comerciantes que detêm bares à margem do canal principal. Procurada por A TARDE, a Secretaria de Desenvolvimento Urbano, Habitação e Meio Ambiente (Sedham) informou, por meio de sua assessoria de comunicação, que um modelo padronizado de barracas será instalado no entorno do rio, que nesta etapa já estará, de

acordo com o projeto, encoberto pelo concreto.

A Sedham não especificou quantas serão as barracas nem como ficará o projeto, que, segundo o órgão, ainda será discutido pela prefeitura, em parceria com associação de moradores local e barraqueiros. "Ninguém passou nada pra gente até agora. Ontem (anteontem, em discurso do prefeito no Imbuí), as pessoas que eu procurei disseram que era com a construtora, a construtora

disse que era com a prefeitura, ninguém sabe nada", disse um proprietário de barraca. Ao saber que sua declaração seria publicada em reportagem, pediu para que não fosse identificado, temendo ser excluído dos planos da Sedham de padronizar aqueles estabelecimentos comerciais. "Coloque aí que nós somos favoráveis", disse.

Em novembro, a Justiça acautou solicitação do Ministério Público baseada em estudo da Em-

basa pelo qual oito barracas ofereciam risco à população, por terem sido construídas em local público, em cima de uma adutora. "Acho que o Imbuí merece um projeto como esse. Os moradores sofrem muito com muriocas. Agora, nós também gostaríamos que a prefeitura fizesse a reurbanização, mas que nos mantivesse ali, onde estamos há muitos anos", acredita José Vitorino dos Santos Filho, proprietário da barraca Ácidos Naturais.



Samuel Silva, morador do Imbuí: "Ainda há peixes e vida"